

A FEIRA-LIVRE COMO HERANÇA ALGODOEIRA EM UNIÃO DOS PALMARES-ALAGOAS E SUA CONSTITUIÇÃO NA ATUALIDADE COMO CIRCUITO INFERIOR

Carlos Eduardo Nobre

Doutorando em Geografia pela Unicamp
geocadu@gmail.com

Carlos Belo

Especialista em Geografia e Meio Ambiente – UNEAL – Campus V
geocarlosbelo@yahoo.com.br

Eriano Francisco da Silva

Especialista em Geografia e Meio Ambiente – UNEAL – Campus V
erianogeo@hotmail.com

RESUMO

A feira-livre é uma importante atividade comercial que promove o crescimento econômico, o desenvolvimento social e cultural. No decorrer de sua evolução, as feiras-livres, como ponto de encontro entre o rural e o urbano, se consolidaram em importantes fornecedoras de suprimentos das cidades, principalmente nos pequenos municípios do Nordeste. A feira-livre é mais que um ponto de compra e venda de mercadorias. Ela promove a integração social e também preserva características culturais. Nessa ótica, este trabalho teve como objetivo analisar a feira-livre do município de União dos Palmares - Alagoas, vista sob a perspectiva de sua importância na dinâmica territorial a partir da produção algodoeira. A metodologia utilizada teve como base a pesquisa bibliográfica, bem como observações diretas e entrevistas com os feirantes, procurando identificar, a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana (SANTOS, 2008) os elementos, fatores e eventos que explicam a dinâmica da feira-livre bem como sua resistência no presente momento histórico. Dessa forma, mesmo quando se atribui a feira-livre como pertencente ao circuito inferior da economia, ela ainda se torna uma atividade urbana relevante, pois reflete as condições econômicas, políticas, sociais e culturais do lugar.

Palavras-chave: Espaço geográfico. Território usado. Algodão. Feira-livre. Feirantes.

FAIR-FREE AS A COTTON HERITAGE IN UNIÃO DOS PALMARES-ALAGOAS AND ITS CONSTITUTION IN THE ACTUALITY AS A INFERIOR CIRCUIT

ABSTRACT

The fair-free is an important commercial activity that promotes economic growth, social and cultural development. Throughout its evolution, the fair-free, as a meeting point between rural and urban, have consolidated important suppliers in the supply of cities, especially in small municipalities in the Northeast. The open-air market is more than a point of sale and purchase of goods. It promotes social integration and also preserves cultural characteristics. From this perspective, this study aimed to analyze the open-air market in the city of União dos Palmares - Alagoas, seen from the perspective of its importance in territorial dynamics from cotton production. The methodology used was based on the literature as well as direct observations and interviews with the vendors, seeking to identify, from the theory of the two circuits of the urban economy (SANTOS, 2008) elements, factors and events that explain the dynamics of the fair - free as well as its strength in this historic moment. Thus, even when assigning the fair - free as belonging to the lower loop of the economy, it still becomes a relevant urban activity, as it reflects the economic, political, social and cultural conditions of the place.

Key words: Geographical Area. Territory use. Cotton. Fair-free. Fairground.

Recebido em 06/03/2013
Aprovado para publicação em 27/01/2014

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a feira-livre de União dos Palmares, um dos mais dinâmicos municípios do Estado de Alagoas, situado na Zona da Mata. Procurou-se observar como a feira se conformou no espaço geográfico local, sua mudança de finalidade em atender os atores sociais, em diferentes épocas, sua dinâmica e o seu perfil socioeconômico, um componente significativo na produção do espaço geográfico, cujas raízes integram a formação e o desenvolvimento do Município.

Empreendeu-se como método científico o dialético fundamentado no materialismo histórico. A metodologia ainda contou com o levantamento bibliográfico sobre o tema e nessa perspectiva, buscou-se correlacionar a feira e suas implicações socioespaciais. A pesquisa ainda foi complementada com o trabalho de campo na feira, do qual constaram a observação da paisagem e uma entrevista com 30 feirantes, escolhidos intencionalmente².

O trabalho está dividido em três partes: a primeira trata de uma sucinta discussão acerca das categorias espaço e território. O espaço sendo compreendido a partir das categorias: forma, função, estrutura e processo. Já o território é concebido numa relação de poder multidimensional no qual o poder de apropriação de um dado território pode ocorrer através da atuação do Estado, e de outras dimensões do poder, que vai dos grupos hegemônicos até as práticas e relações cotidianas da sociedade. Essas categorias supracitadas são algumas das categorias da Geografia, enquanto ciência, que servem para compreender a totalidade do espaço social.

A segunda parte faz referência ao uso pretérito do território de União dos Palmares pela cultura algodoeira, dando ênfase a esta cultura como responsável por uma maior dinâmica na feira-livre, esta como uma cultura implantada pelos europeus e que ainda hoje, a feira deixa transparecer-se fazendo uso de técnicas tradicionais do ponto de vista das relações que são estabelecidas pelo meio técnico-científico e informacional. E por fim, a terceira parte trata das mudanças de relações estabelecidas no município a partir da produção algodoeira e da prática da feira-livre, considerando as transformações sofridas e auferidas pela dinâmica da feira no decorrer do tempo. Discute-se também a feira-livre sob o viés da teoria dos dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos: o superior e o inferior (SANTOS, 2008). Diante disso, compreende-se que a feira-livre é mais que um lugar de comércio. Ela se constitui em um fato social, com características particulares: local onde as pessoas se encontram, fazem compras, trocam informações, fazem articulações diversas.

2. UMA BREVE DISCUSSÃO EM TORNO DO CONCEITO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DA CATEGORIA TERRITÓRIO USADO

Ao conceituar o espaço geográfico, Santos (2009, p. 62) diz que ele é constituído por um “[...] conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]” no qual as relações sociais e a configuração territorial, os sistemas naturais e artificiais, constituem um híbrido. O espaço geográfico compreende a junção da materialidade mais aquilo que dá vida e a anima. Conforme Sousa (2007, p. 96) os elementos constituintes do espaço estão sempre “[...] interagindo entre si. Não se pode pensar numa quebra desse círculo que constituí, na íntegra, o espaço. Compreender as interações entre os diversos elementos do espaço, através do tempo, é muito importante, pois pressupõe interdependência funcional entre eles [...]”.

A análise do espaço não apenas como produto, mas também como condição e meio de reprodução das relações sociais é proposta por Milton Santos de forma bem detalhada em seu livro, Espaço e Método (2012), através dos conceitos e das categorias primárias de análise: forma, função, estrutura e processo.

Compreender a totalidade do espaço social exige um tratamento dialético entre esses conceitos de modo que eles sejam relacionados entre si e considerados em conjunto para

² A escolha dos entrevistados se deu de forma intencional quanto a sua localização geográfica sempre buscando a representatividade dos diversos setores da feira caracterizados pelo comércio de um determinado tipo de produto e acrescido das seguintes variáveis estudadas: faixa etária, grau de escolaridade, tempo como feirante, razão de trabalhar na feira, se o feirante tem outra ocupação, dependência da renda da feira, proveniência dos produtos, dias em que a feira é melhor, a infraestrutura e aos próprios feirantes e as mudanças que ocorreram após a enchente de 2010.

fundamentar a base teórica e metodológica da Geografia enquanto ciência. Com isso se consegue discutir os fenômenos espaciais em sua totalidade, sem esquecer, é claro, o permanente processo de totalização do espaço.

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Consideradas em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade (SANTOS, 2012, p. 71).

Nessa visão, Santos (2012) concebe a forma ao aspecto visível de qualquer objeto geográfico, que pode ser um único objeto ou um conjunto de objetos como, uma ponte, uma rua, uma casa, um bairro. A função é o papel desempenhado pela forma espacial. É a tarefa ou atividade que a forma executa. Forma e função dispõem de relações recíprocas. A estrutura é a inter-relação das inúmeras partes que forma o todo social, assim é de fundamental importância a compreensão da estrutura social de cada período histórico para que se entendam as transformações ocorridas das formas e funções ao longo do tempo, ou seja, do processo. E por fim, tem-se o processo que é a ação contínua desenvolvida para um resultado qualquer. O processo envolve conceitos de tempo, continuidade e mudança.

Nessa óptica é possível correlacionar essas categorias para compreensão da dinâmica da Feira-Livre do Município de União dos Palmares, Alagoas. Diante disso, os fenômenos analisados são considerados complexos, já que o espaço geográfico é regido, no momento, por normas sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade capitalista. Isso se aplica também à feira-livre do município de União dos Palmares que tende a ser susceptível de mudanças ao longo do tempo ao incorporar novas práticas sociais que ditam as mudanças no uso do território de acordo com as necessidades impostas à sociedade pelo atual meio técnico-científico e informacional (SANTOS, 2009).

As categorias até aqui citadas não só permitem constatar a permanência e disposição das formas espaciais, como também servem para decifrar como o espaço geográfico responde a determinados vetores impostos pela estrutura social vigente que, ao longo do tempo, tem demonstrado a dinâmica da feira-livre de União dos Palmares e sua contínua necessidade para manutenção de nexos sociais do lugar em períodos anteriores e atual. O espaço se modifica para atender determinados interesses. Para a compreensão de tais nexos, fundados a partir do embate de lógicas locais e extra locais, é preciso nos remeter a categoria de análise *território usado* (SANTOS e SILVEIRA, 2011) como sinônimo de espaço geográfico.

Isso não quer dizer que no presente período histórico o território não exista enquanto Estado-Nação, mas é importante demonstrar que existem também outras formas de uso do território que não só pelo Estado. Tal compreensão da história do território adquiriu fundamental importância no campo da geografia política porque vai facilitar o entendimento da problemática do poder, que antes, numa visão tradicional, era concebido como poder do Estado no território, sem levar em consideração outras organizações dotadas de poder político.

Assim o que se impõe é uma análise do uso do território, pois “[...] o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado [...]” (SANTOS, *apud* LIMA, 1996, p. 225). Dessa forma o território como categoria de análise é definido através do uso social no qual os objetos e ações constituem-se num par dialético.

Com isso ultrapassa-se a concepção de limite político administrativo do território para uma concepção de espaço usado não apenas pelo Estado, mas pela sociedade e pelas empresas. Ainda com esse raciocínio a definição de qualquer território tem que levar em consideração a sua materialidade e seu uso de forma interdependente e inseparável. O território por ser vivo deve ser considerado não só pelos fixos, mas também pelos fluxos. Os fixos são tidos como objetos localizados, como por exemplo, as escolas, os bancos, as fábricas, os instrumentos de trabalho etc., já os fluxos correspondem ao que está voltado para a circulação, ao movimento e ideais para explicar os fenômenos tanto de distribuição como de consumo.

Os fixos, como instrumentos de trabalho, criam massas. Mas não basta criar massas, impõe-se fazer com que se movam. E a capacidade de mobilizar uma massa no espaço é dada

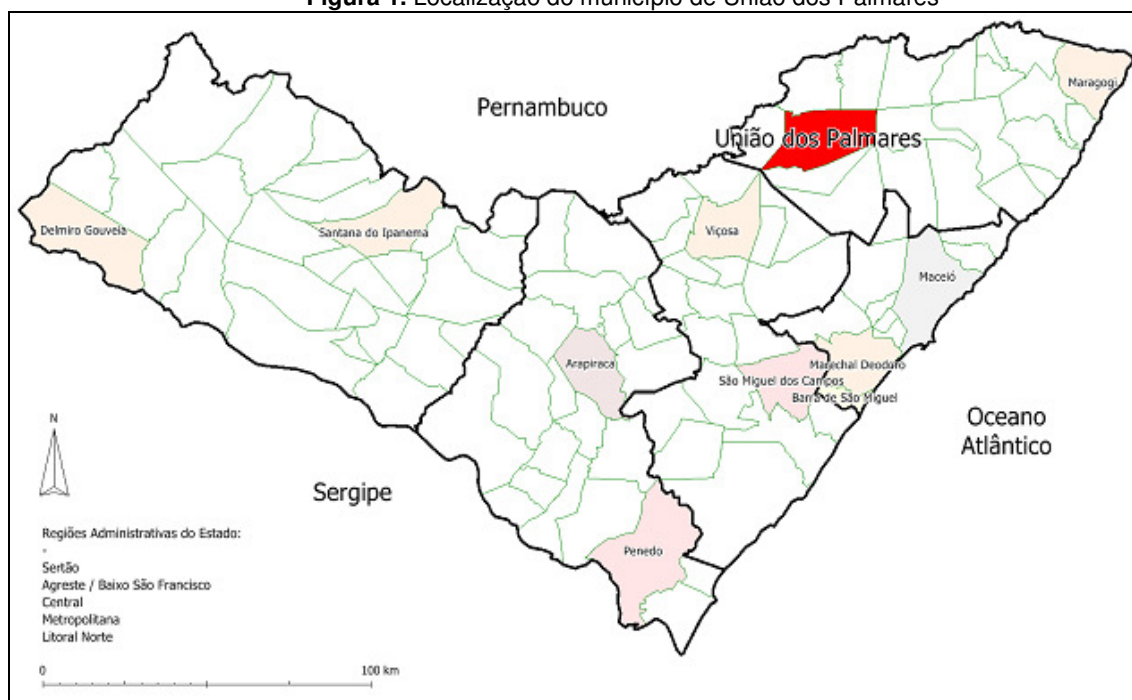
exatamente pelo poder econômico, político ou social, poder que por isso é maior ou menor segundo as firmas, as instituições e os homens em ação (SANTOS, 1997, p. 78).

Então, entender o espaço geográfico como um conjunto de fixos e fluxos, ou mesmo, como um sistema de objetos indissociável de um sistema de ações, permite expressar esse espaço como uma realidade possível de ser apreendida pela ciência geográfica na qual os objetos fixados não só contribuem como permitem que as ações modifiquem o próprio lugar através de novos fluxos e assim recriem as condições sociais no processo de redefinição do lugar.

3. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE UNIÃO DOS PALMARES SOB A ÓTICA DA CULTURA ALGODOEIRA E DA FEIRA-LIVRE

No século XVIII, a principal atividade econômica que marca o início do desenvolvimento no município de União dos Palmares, localizado na Mesorregião do Leste Alagoano (figura 1), estava pautada na cultura canavieira tendo como responsáveis o português Domingos de Pino e, depois, outras famílias, que investiram na região (ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, 2006). Mais tarde, com a Revolução Industrial e a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, o desenvolvimento do cultivo do algodão marcou de forma significativa as bases da estrutura fundiária das atuais áreas do Sertão e Agreste do Estado de Alagoas a tal ponto que seu cultivo se expandiu até as áreas tradicionalmente dominadas pela cultura canavieira. E em municípios como União dos Palmares o auge do algodão se estendeu por todo o século XIX chegando até a primeira metade do século XX (ANDRADE, 2011, 106-107).

Figura 1. Localização do município de União dos Palmares



Fonte: Normande, 2006.

Além da Revolução Industrial outros fatores contribuíram para o desenvolvimento do algodão em larga escala como:

[...] a abertura dos portos às nações amigas por D. João VI, em 1808 e os eventos políticos internacionais como a Guerra de Secessão, eliminando do mercado internacional, por período relativamente longo, concorrentes que dispunham de técnicas mais aperfeiçoadas e de produto de melhor qualidade que o Nordeste brasileiro. Por isso, podemos dizer que desde 1750 até 1940 o algodão foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana-de-açúcar com algum êxito, na disputa às terras e aos braços (ANDRADE, 2011, p. 158).

A presença da cultura algodoeira permitiu uma nítida transformação tanto da produção como do consumo e isso resultou em ajustes no espaço geográfico local através da aquisição de fluxos, como transporte, comunicação e fixos para compor a infra-estrutura urbana necessária para desenvolver melhor as trocas comerciais do algodão que se faziam à época na feira-livre local, afinal de contas a feira-livre (figura 2) do município estava agora contribuindo de forma decisiva para garantir a comercialização de um produto, o algodão, de nível internacional. Quem reforça essa ideia é Lopes e Santos (2010, p. 88) ao afirmar que, “[...] a infra-estrutura criada para atender as necessidades de produção, circulação e comercialização da atividade algodoeira gerou um grau considerável de desenvolvimento comercial em União dos Palmares no início da década de 1920”. A construção da linha férrea de União dos Palmares foi de fundamental importância para o escoamento da produção do algodão (figura 3).

Figura 2. Feira-livre de União dos Palmares na década de 1920: à época, ponto estratégico de exportação da principal cultura, o algodão.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2011.

Figura 3. Estação ferroviária de União dos Palmares na década de 1950, época em que a produção do algodão já se encontrava em declínio.



Fonte: Secretaria Municipal de Cultura, 2011.

Essa situação tinha uma lógica própria, na qual o mando das decisões se dava de maneira vertical diante principalmente das regiões periféricas. Simplesmente autorizavam-se formas de ações específicas que atendiam aos interesses de agentes econômicos da época que nesse caso era a produção e comercialização em grande escala de um produto, o algodão, que estava em alta no mercado internacional. É com esse entendimento que Santos (2012, p. 36) diz que, “[...] O comportamento dos subespaços do mundo subdesenvolvido está geralmente determinado pelas necessidades das nações que estão no centro do sistema mundial [...]”. Santos (2009, p. 247-248) ainda afirma o seguinte:

Os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infra-estrutura, acessibilidade) e organizacional (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral). Essa eficácia mercantil não é um dado absoluto do lugar, mas se refere a um determinado produto e não a um produto qualquer. Seria uma outra forma de considerar a valorização do espaço [...]

Foi através do algodão que as relações comerciais capitalistas atribuíram um novo conteúdo ao espaço econômico local em benefício, primeiro, dos interesses externos e em seguida dos internos. Isso resultou em um uso do território palmarino calcado em relações capitalistas extremamente consolidadas, uma vez que, o algodão, por ser o principal produto que as elites capitalistas à época desejavam explorar em larga escala comercial, era facilmente encontrado na feira-livre. Desse modo, a produção e comercialização do algodão tornou-se um negócio bem mais vantajoso e lucrativo que o da cana-de-açúcar. Acrescido a isso, Santos (2003, p. 27) menciona que “[...] a produção algodoeira absorve mais mão-de-obra e representou no Nordeste o desenvolvimento de centros urbanos e de melhor qualidade de vida para os trabalhadores”. Sem contar que o algodão representava, à época, os interesses do capitalismo industrial e era ainda uma atividade que correspondia a uma ascensão rápida de status social, algo totalmente inviável na rígida e estática estrutura aristocrática dos produtores de cana-de-açúcar.

Paralelo aos acontecimentos acima descritos, resultante da cultura algodoeira, tem-se o surgimento efetivo das chamadas feiras-livres. Apesar de elas funcionarem no município de São Paulo desde meados do século XVII, observa Jesus *apud* Santos (2005, p. 146):

[...] que até o início do século XIX, talvez, não seja possível falar na existência de um sistema de abastecimento alimentar propriamente dito, vinculado ao reduzido tamanho da cidade, pelas limitações da dieta alimentar de seus habitantes e hábito de cultivar os quintais e criar pequenos animais soltos nas ruas.

Foi em decorrência da transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, que houve uma mudança em toda a estrutura que governava o país. Mesmo, o Brasil, ainda não se encontrando independente, fato que só veio a ocorrer em 1822, houve mudanças também no plano cultural e no comportamento das pessoas como, por exemplo, a implantação, na cidade, de novos hábitos alimentares. Consequentemente isso fez com que houvesse um aumento e ao mesmo tempo uma diversificação da demanda por um abastecimento regular de gêneros alimentícios. Com isso fica evidente que as feiras-livres são uma das estruturas responsáveis pelo abastecimento de alimentos das cidades brasileiras e sua presença se faz desde a época colonial, como uma importante tradição cultural implantada pelos europeus.

Outra contribuição que veio facilitar a dinamização da atividade comercial nas cidades foram as chamadas feiras de gado³. Conforme Santos (2005, p. 147) essas “[...] feiras de gado contribuíram no século XIX para a formação de núcleos de povoamento que se transformaram em centros urbanos dinâmicos, especialmente no interior paulista e nordestino”.

Como já foi dito, o ciclo do algodão, assim como sua comercialização na feira-livre em União dos Palmares marca desde a segunda metade do século XIX e encerra a sua dinâmica na segunda metade do século passado⁴. Contudo, apesar da cultura e comercialização do algodão no município não mais existir é notório até o presente momento a feira-livre de União dos Palmares como uma continuação da dinâmica comercial da época, só que agora com outros interesses e, por conseguinte, uma nova forma-conteúdo.

4. A FEIRA-LIVRE DE UNIÃO DOS PALMARES-AL E SUAS MUDANÇAS ESPAÇO-TEMPORAIS.

O uso do território do município de União dos Palmares, do ponto de vista da feira-livre, é resultante, sem dúvida, de inúmeras relações socioespaciais que, a princípio, foram organizadas, ditadas, sob a lógica da atividade algodoeira praticada em época pretérita e contribuindo, dessa forma, para materializar ações no espaço geográfico local através de uma combinação cuja lógica própria permite ações concretas de agentes econômicos e sociais em determinadas áreas. Com isso a diferença na capacidade de oferecer maior rentabilidade ou não aos investimentos é uma das variáveis que vai distinguir os lugares.

Apesar da atividade algodoeira não mais existir no município ainda há heranças dessa atividade que continuam presentes, só que agora obedecendo a outros interesses. Em consonância com essa perspectiva, Santos (2009, p. 140) afirma o seguinte, “O processo social está sempre deixando heranças que acabam constituindo uma condição para as novas etapas [...]”.

³ Na verdade, as feiras de gado eram tidas como uma das mais antigas manifestações comerciais do homem, ela era o único ponto de ligação entre a vida sedentária e a nômade. Precisavam de gado tanto as regiões criadoras como também as regiões que necessitavam para o trabalho. Essas regiões tinham as feiras como indispensáveis, já que eram o único meio de exportar e importar os animais, principalmente nas épocas em que os meios de transportes eram bastante precários. Com o crescimento do número de gado e de habitantes, juntamente com a concorrência de outras mercadorias, as feiras de gado passaram a ser, paralelamente, ora um mercado rural, ora uma grande feira de mercadorias (GASPAR, 1970, p. 19).

⁴ Dentre a série de fatores que contribuíram para o fim da cultura algodoeira na Região do Leste Alagoano têm-se: a sua desvalorização no mercado mundial; a proliferação de pragas; e a ausência de assistência técnica para os agricultores locais. (ANDRADE, 2011).

Então, a dinâmica da feira-livre da época da atividade algodoeira impulsionada pelas necessidades do capital no decorrer do processo histórico e pelas diferentes práticas cotidianas do uso do território acabam por gerar, cada vez mais, um território com finalidades e funcionalidades totalmente diferentes das concebidas durante o desenvolvimento da atividade algodoeira.

Essa atividade teve um intenso desenvolvimento por conta da comercialização do algodão ainda no estado de matéria-prima. Atualmente, a feira-livre, sem dúvida, obedece a outra finalidade e funcionalidade e é tida ainda como um dos resquícios fortes, herança deixada do período algodoeiro em União dos Palmares, um exemplo típico do que Santos (2009, p. 140) chama de rugosidade.

[...] Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. [...] Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho.

Dessa forma, percebe-se o conjunto de objetos geográficos proveniente do período da atividade algodoeira e que estão dispostos de maneira, ainda clara, no espaço geográfico da cidade, como por exemplo, a própria atividade comercial da feira-livre, a estação da linha férrea e algumas formas arquitetônicas. Tudo isso, no passado, contribuiu, fundamentalmente, para que a atividade algodoeira prosperasse. No entanto, mesmo com a extinção da principal atividade econômica, o algodão, ainda foi possível no decorrer do tempo-espaço a permanência até o momento de atividades comerciais praticadas na feira-livre, além de alguns fixos, só que agora com uma função mais especializada, na qual oferece uma variedade de produtos agrícolas locais e não locais, produtos industrializados e até importados.

Na economia urbana do Terceiro Mundo, levando-se em consideração a sua especificidade e o fato da existência de dois circuitos da economia nos países subdesenvolvidos proposta por Santos (2008), o circuito superior e o circuito inferior, no qual cada um deles é um subsistema do sistema global que a própria cidade em si representa, permite verificar o rumo das tendências da modernização contemporânea, que são controladas pelo poder das grandes indústrias, mais precisamente pelas firmas multinacionais através do peso esmagador da tecnologia.

A caracterização dos dois circuitos torna-se útil para um estudo que vise à compreensão do funcionamento da cidade vista como suporte de subsistência para a população, já que esses circuitos oferecem indicativos importantes para a análise do comércio na feira-livre. Para isso, é pertinente que se conheça o que correspondem o circuito superior e o inferior da economia urbana. Atualmente, dentro dessa teoria, são usadas duas designações para definir a economia mundial: *Circuito Superior* e *Circuito Inferior*. De forma simplificada pode-se definir o *circuito superior* como formado pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadista e transportadores. Já o *circuito inferior*, típico de países subdesenvolvidos tem na sua essência a forma de fabricação de capital não intensivo, caracterizado pelos serviços não-modernos fornecidos a varejo e pelo comércio de pequena extensão (SANTOS, 2008, p.40). A principal distinção dos dois circuitos é o nível tecnológico e sua organização sendo as variáveis analisadas de forma conjunta e não de maneira isolada.

O circuito superior utiliza tecnologia importada de alto nível, “capital intensivo”, no circuito inferior a tecnologia utilizada é diferente, há a primazia de “trabalho intensivo” e geralmente local, ou localmente adaptado, ou reinventado, o primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um potencial de criação (SANTOS, 2008, p.44).

No circuito superior, os preços são geralmente fixos, mesmo com a competição, o limite não está muito abaixo dos preços públicos de mercado. Porém, no circuito inferior “pechinchar”, “regatear” é uma regra básica e as margens de preços oscilam bastante. No circuito superior trata-se de acumular capitais imprescindíveis a continuidade do setor e a sua renovação em função dos progressos técnicos. No circuito inferior, a acumulação de capital não é prioridade,

já que a prioridade é assegurar as condições mínimas de quem trabalha nessa atividade do circuito inferior (SANTOS, 2008, p.46).

A publicidade, no circuito superior está presente de forma bem arrojada no qual ela é usada como arma para modificar os gostos, impor a necessidade de alguma demanda e um costume e consumo permanente. No circuito inferior a publicidade não se faz necessária por conta do contato com a clientela que se dá de forma bem direta, além do mais como o lucro no circuito inferior é para subsistência do agente e de sua família, então não tem como o lucro se destinar à propaganda (SANTOS, 2008, p. 46-47).

Levando-se em conta o quadro precário da economia latino-americana associado à distribuição espacial da população, em sua maioria concentrada nos centros urbanos, é de se considerar que esse fator promove os serviços informais de um modo deficitário e pobre e nele se encontra a feira-livre. Dentro dessa ótica de pobreza urbana, se inclui a atividade comercial da feira-livre no circuito inferior, no qual o lucro obtido vai servir de subsistência não só para quem trabalha na feira-livre, mas também para sua família.

Santos (2008, p. 46) ao analisar a noção de lucratividade nos dois circuitos da economia, mostra sua diferença e o destino do lucro obtido:

No circuito superior, trata-se de acumular capitais indispensáveis à continuidade das atividades e à sua renovação em função dos progressos técnicos. No circuito inferior, a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação ou simplesmente não há essa preocupação. Trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna.

A feira-livre de União dos Palmares é tida hoje como uma importante fomentadora de emprego e renda para a cidade. Além disso, a rede comercial estabelecida pela feira-livre de União dos Palmares extrapola os limites do próprio município, uma vez que atrai um número significativo de consumidores de outras cidades circunvizinhas como: Branquinha, Ibateguara, Murici, Santana do Mundaú e São Jose da Laje. As interações socioespaciais com as cidades citadas e União dos Palmares evidenciam-se pela presença também de representações da administração direta e indireta do Governo Estadual, instituições de ensino superior como a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e dos serviços oferecidos pelo segmento privado nas áreas da educação e saúde, além de outros serviços de estabelecimentos comerciais e financeiros que são centralizados em União dos Palmares.

Assim, os aspectos descritos anteriormente sobre a herança algodoeira e as suas rugosidades espaciais contribuem para esclarecer o fato de União dos Palmares apresentar a quinta maior população do Estado de Alagoas com 62.358 habitantes segundo o censo 2010 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (2012) e a maior população da microrregião serrana dos quilombos, de possuir um setor de produção de bens de consumo e serviços especializados, relativamente desenvolvidos e que chega a diferenciá-la das demais cidades da zona da mata, assumindo assim posto de cidade pólo da microrregião na qual esta está inserida.

Outro questionamento relevante é que as condições de renda da população e a oferta de produtos apresentam uma forte relação com a importância da feira, ou seja, as feiras que ocorrem nas cidades ou municípios cuja população detém renda elevada e não muito concentrada, apresentam uma maior variedade de produtos a serem comercializados. Nas pequenas cidades com elevada concentração de renda, a comercialização se dá apenas com produtos básicos (SANTANA apud CARVALHO et al. 2006).

A característica de periodicidade da feira ocorre por conta do baixo nível de renda da população, que não dispõe de condições suficientes para manter um mercado do tipo permanente. A feira-livre do centro do município de União dos Palmares ocorre nos dias de segunda-feira, quarta-feira, sexta-feira e sábado.

Essa periodicidade torna-se importante tanto para os comerciantes, quanto para os consumidores uma vez que, para estes últimos, é viável porque podem comprar tudo que há na feira a preços mais acessíveis e com uma oferta bem maior que a normal. Já para os comerciantes, ter a fixação em dias específicos possibilita o deslocamento deles para outras

localidades no decorrer da semana, seja para participar de feiras em outros municípios, seja para viajar até à cidade em que se encontra o fornecedor dos produtos comercializados. No caso dos feirantes de União dos Palmares, muitos se deslocam para participar de feiras em municípios vizinhos: São José da Lage, Branquinha e Murici (BELO, 2010, p. 36).

Ainda nesse contexto de periodicidade da feira-livre de União dos Palmares, é de fundamental importância retornar um pouco a uma categoria de análise da ciência geográfica já discutida, o território. Nesse município, a feira-livre é um exemplo típico do que seja, conforme Souza (2006, p. 88), “a territorialidade flexível, flutuante ou móvel” (figuras 4 e 5).

Figuras 4 e 5. Territorialidade móvel: trecho da área onde, as segundas, quartas, sextas e aos sábados, ocorre a feira-livre de União dos Palmares.



Fonte: os autores, 2012.



Fonte: os autores, 2012.

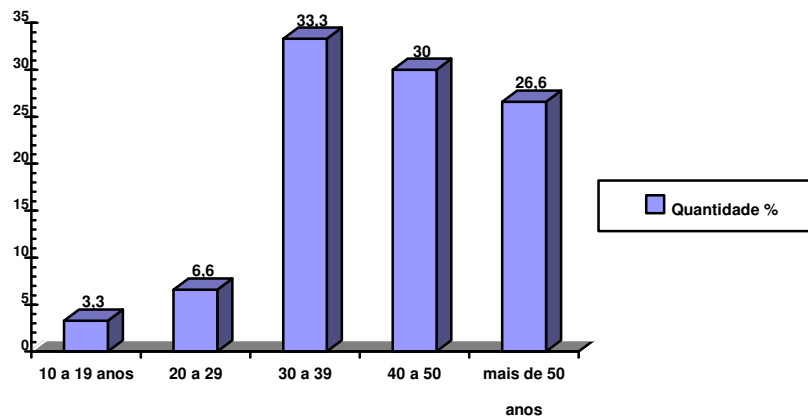
A efetivação da feira-livre, no território, configura uma territorialidade móvel, que corresponde a uma conflitualidade de vários atores sociais. No momento de ocorrência da feira tem-se um tipo de paisagem comercial própria do turno diurno: pessoas trabalhando, vendendo ou ofertando produtos; outras observando e selecionando-os para comprar. Há fregueses que aproveitam o momento para fazer compras em estabelecimentos comerciais situados no centro da cidade, nas mediações da feira. Quando esta vai se encerrando, no turno vespertino, a paisagem, até então compacta, densa, barulhenta, vai, pouco a pouco, ficando rarefeita. E o mesmo espaço vai ser palco de outra territorialidade, já que o mesmo local é disputado também pelos proprietários de casas comerciais que circundam a feira, segundo os proprietários das lojas a feira atrapalha suas vendas, uma vez que ela acaba captando o dinheiro que seria gasto nas suas lojas. Além disso, existem outras territorialidades que ocorrem no mesmo local da feira-livre como, por exemplo, os festejos tradicionais da cidade: a festa da padroeira da cidade, Santa Maria Madalena, carnaval e o São João.

A feira-livre de União dos Palmares é importante para o abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros no Município. Os produtos comercializados, além da grande variedade, apresentam diferentes padrões de qualidade. As frutas, verduras e legumes destacam-se pela grande quantidade e pela variada coloração. Os demais produtos correspondem a uma variedade apropriada ao que se espera de uma feira: lanches, cereais, carnes e peixes, confecções, calçados e alguns produtos importados de pequeno valor, como relógios, acessórios para celulares, rádio, óculos esportivos e bijuterias. Esses produtos compõem os fluxos comerciais e culturais que caracterizam a produção globalizada do espaço geográfico.

Para conhecermos certas particularidades socialmente significativas, foram entrevistados, no mês de junho de 2011, 30 feirantes. A variável referente à idade dos entrevistados (feirantes) revela que a maioria 33,3% atingiu a meia idade (gráfico 1) já que a esperança de vida ao nascer do brasileiro segundo o IBGE (2012) é de 73,5 anos de idade.

Contastou-se com a pesquisa que 30% dos entrevistados possuem entre 40 a 50 anos, 26% mais de 50 anos. 6,6% de 20 a 29 anos e apenas 3,3% estão na faixa etária dos 10 a 19 anos a que corresponde a dos jovens. Isso mostra que a inserção das pessoas para trabalhar no circuito inferior, no caso, a feira-livre, não prioriza determinada faixa etária, sendo assim uma atividade produtiva que comporta diferentes faixas etárias e que demonstra facilidades de entrada. Essa facilidade de ingresso no circuito inferior se dá por conta de ser “[...] mais necessário o trabalho que o capital [...]” para a realização de sua atividade (SANTOS, 2008, p. 204).

Gráfico 01. Número de entrevistados por faixa etária.

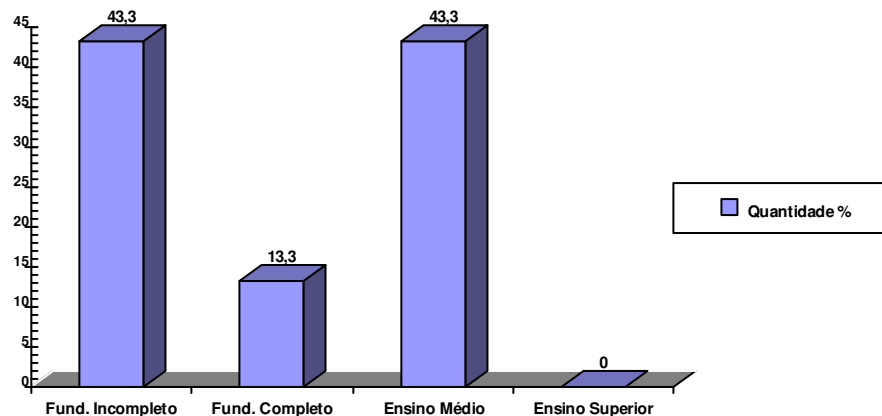


Fonte: os autores. Pesquisa de campo. 2011

Adicionado a isso, é pertinente entender também que se existe uma atividade produtiva pertencente ao circuito inferior é porque este tem carências de demandas não atendidas de uma expressiva população pobre com rendimentos insuficientes ou intermitentes concentrada na cidade combinado com diferentes níveis salariais. E assim, o circuito inferior no seu comportamento dialético com o circuito superior reclama uma fatia na organização do espaço e se coloca, dentro de suas limitações técnicas e organizacionais, como concorrente do circuito superior.

O nível de instrução dos entrevistados está evidenciado com um baixo nível de escolaridade, pois 0% dos entrevistados não possui o nível superior. 43,3% afirmaram possuir o nível médio. 13,3% o fundamental completo e uma parcela significativa dos entrevistados com 43,3% sequer concluíram o ensino fundamental (gráfico 2).

Gráfico 02. Grau de escolaridade dos feirantes.



Fonte: os autores. Pesquisa de campo. 2011

Assim, fica evidente que de certa forma o baixo nível de escolaridade dos feirantes acaba por se tornar um fator que favorece sua inserção no circuito inferior. Santos (2008, p. 205) está de acordo com esse entendimento afirmando que, “[...] É possível até que os analfabetos tenham mais oportunidade de encontrar trabalho do que aqueles que passaram por uma escola [...]”. Ao correlacionar emprego com grau de escolaridade não se pode esquecer que a questão do emprego passa pelas normas organizacionais das empresas hegemônicas cuja regra é limitar os empregos e encaminhar grande parcela de mão-de-obra para uma situação que John Knapp *apud* Santos (2008, p. 204) chama de desemprego e de não-emprego. Esse comportamento desigual, combinado e arbitrário dos grupos hegemônicos nos territórios acaba por produzir também atividades produtivas pertencentes ao circuito inferior a exemplo da feira-livre.

O mercado monopolístico adota esse comportamento para obter o máximo de benefício possível em detrimento ou gerador de uma segregação social prevalecente na maioria da população.

Santos (2008, p. 192) afirma que, “[...] As grandes firmas, sobretudo as empresas multinacionais, não têm interesse em utilizar técnicas de alto coeficiente de emprego (*labour intensive*), pois a massa operária representa um perigo, devido à sua força reivindicatória e política”.

Quando perguntados há quanto tempo trabalha nessa atividade? Os entrevistados deram as seguintes respostas, de 1 a 4 anos apenas 3,3% dos entrevistados, de 5 a 9, foram 13,3%, de 10 a 14 foram 30%, de 15 a 19 correspondeu a 23%, mais de 20 foram 30%. Com isso, observa-se que parte dos entrevistados trabalha na feira há muito tempo e verifica-se que essa atividade econômica é bastante antiga na cidade, pois essas pessoas estão ali por não terem outra opção. Levando-se em consideração o fato de que quem exerce uma atividade econômica por mais de uma década, quer queira ou não, tem boa parte de sua vida aí alicerçada.

Lógico que implícito a essa condição temporal há fatores de cunho social, cultural e econômico. O fator social pode ser justificado pelo baixo grau de instrução; o cultural por estar associado ao fato de ser uma atividade já praticada pelos pais; e por fim o econômico por se tratar de uma atividade que não requer muito investimento de capital para dar sua continuidade. Este fator econômico da feira-livre de União dos Palmares, juntamente com os demais, explica o fato de ela estar inserida no circuito inferior, afinal a feira-livre é uma atividade que não necessita de grande quantidade de capital para sua manutenção, o crédito se dá de forma pessoal direta com o uso conjunto do dinheiro líquido que para Santos (2008, p. 44) é “[...] indispensável para o trabalho das pessoas sem possibilidades de acumular. A obrigação de reembolsar periodicamente aos fornecedores uma parte da dívida torna a procura do dinheiro líquido desenfreada [...]”. Com isso evidenciam-se alguns fatores que contribuem de forma decisiva para que os feirantes acumulem um considerável tempo de trabalho na feira-livre.

Ao se perguntar a razão de trabalhar na feira-livre a maioria dos entrevistados (80% deles) respondeu que trabalha nessa atividade econômica por não ter outra opção. Evidencia-se a forte dependência do município do comércio, uma vez que é uma atividade que emprega uma significativa parcela dos seus moradores, apenas 20% das pessoas responderam que era uma atividade que os pais realizavam, mostrando que por essa opção, em alguns casos, os familiares continuaram a atividade que seus pais já realizavam.

A pergunta que avaliou a quantidade de feirantes que não tem outra ocupação teve os seguintes resultados, 23% têm outra ocupação, enquanto a maioria, 77% não exercem outra atividade econômica, participando da feira durante toda a semana, dependendo, assim, da mesma para sobreviver. Quando o feirante não trabalha sozinho, as pessoas que o auxiliam são, geralmente, membros da própria família, assim, o dinheiro ganho com o trabalho na feira é para atender às necessidades familiares. Cabe ressaltar que a maioria das pessoas alegou a falta de oportunidade, como por exemplo, a falta de emprego, evidenciando o caráter seletivo do circuito superior.

A pergunta que analisou a dependência da família em função da renda da feira atesta que, 36% não dependem dessa atividade, mas a maioria, 64% tem a feira como sua principal atividade para o sustento familiar. O fato de só ter essa renda contribui para que o feirante busque maior envolvimento nessa atividade e um maior empenho em sua rentabilidade. Respeitando a coerência dos resultados obtidos na pergunta anterior, é pertinente salientar que, apesar da árdua vida que levam como feirante dá para se obter uma boa renda, isso comparado ao valor do salário mínimo. Nesse sentido, vale salientar que a minoria das pessoas tem a feira como uma atividade complementar, uma vez que já é assalariada com outro emprego.

Em relação à proveniência dos produtos vendidos na feira, há três origens distintas. A maior parte de roupas, sapatos, relógios, brinquedos, produtos de ferragens e verduras é oriunda do município de Caruaru (Estado de Pernambuco). A maior parte das frutas é procedente da CEASA/AL - Central de Abastecimento de Maceió – e uma pequena quantidade é proveniente do próprio município. Segundo os feirantes, é mais vantajoso comprar frutas em Maceió do que em Caruaru por causa da proximidade, do preço e do menor risco de assalto. Já produtos como batata doce, inhame e macaxeira são oriundos de sítios locais (pequenas propriedades rurais). Através das entrevistas, não foi constatada a presença de feirantes que produzissem

sua própria mercadoria (artesanato), até porque muitos produtos são resultantes do processo de industrialização evidenciando-se, portanto, a dependência e o nexos com o circuito superior.

Indagados sobre os dias em que a feira é melhor, os feirantes assinalaram a primeira quinzena do mês. Isso porque grande parte dos funcionários públicos (ativos e aposentados) das redes estadual e municipal recebe seus salários até o dia 15 de cada mês, o que demonstra a grande dependência do comércio (principalmente as pequenas lojas e os vendedores informais) dos rendimentos de origem oficial. A partir dessa indagação percebe-se, então, que há uma interdependência dos dois circuitos no qual ambos resultam do processo de modernização tecnológica. Em consonância com essa perspectiva Santos (2008, p. 56) destaca o seguinte “[...] os dois circuitos têm a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados[...]”. No caso as instituições representativas de grupos hegemônicos no município, como por exemplo, os bancos e alguns estabelecimentos comerciais mantêm relações de dependência com os atores do circuito inferior e vice-versa. Apesar de essas relações serem estabelecidas a partir das mesmas necessidades o circuito inferior não tem o mesmo nível de acesso que o circuito superior aos bens e serviços por conta do reduzido rendimento que lhe compete.

A pergunta sobre o que falta à feira e aos próprios feirantes suscitou opiniões diversas. Um feirante afirmou que “falta organização por parte dos fiscais que não dão muita atenção à feira e o que falta também é uma Ceasa na cidade, isso ia servir muito”. O fato de os fiscais não darem maior atenção aos feirantes complica-se por não existir nenhuma frente à inexistência de lei que regulamente a feira. O que existe são normas criadas pelos próprios feirantes, como por exemplo, se um deles faltar três vezes consecutivas, pode perder o local, conforme afirmou um funcionário da prefeitura responsável pela organização da feira-livre no Município. Apesar do território ser normado por lógica puramente mercantil vê-se que de um lado há a ausência de normas formais, ditas oficiais, jurídicas, criadas pelo Estado para normatizar o território, e de outro há as normas criadas pelos próprios agentes que fazem parte da organização da feira-livre. Essas normas são oriundas conforme Santos (2009, p. 232) de, “[...] ordens menos formais e até mesmo ordens informais, onde as normas são recriadas ao sabor das conjunturas localmente definidas”. Tem-se, então, uma solidariedade muito mais orgânica, que organizacional.

Por fim, ao serem questionados acerca das mudanças que ocorreram após a enchente de 2010, eles apontaram as seguintes: a liberação de dinheiro por parte do governo federal a exemplo do FGTS e concessão de empréstimos com mais facilidades para quem foi atingido por esta catástrofe tornou o comércio mais agitado e os feirantes perceberam isso com o aumento das vendas. Acrescido a isso houve também aumento de emprego na área da construção civil uma vez que estão sendo construídas as casas das pessoas desalojadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira-livre com seus atributos de simplicidade e precariedade, ainda resiste no período atual, definido por Santos (2009) como meio técnico-científico e informacional, às exigências impostas pelo consumo e comércio do tipo moderno. Ao se comparar a feira-livre com certa modalidade de comércio do tipo moderno vê-se que na feira as condições de trabalho são ultrapassadas. Mas se analisadas do ponto de vista das necessidades locais, elas se referem a espaços complexos e estimuladores do desenvolvimento local.

Observa-se que a feira-livre de União dos Palmares é de fundamental importância porque a princípio consegue gerar emprego e renda para o município. Sua rede comercial vai além dos limites do próprio município e a prova mais evidente disso é a presença na feira-livre tanto de comerciantes como de consumidores de cidades circunvizinhas a exemplo de Branquinha, Santana do Mundaú e São José da Lage. Além disso, o município de União dos Palmares mantém relações socioespaciais com as cidades citadas e outras graças à presença de forma centralizada no município de representações da administração direta e indireta como a Universidade Estadual de Alagoas e outros serviços oferecidos pelo setor privado nas áreas de educação, saúde e financeira como bancos. Isso contribui de certa forma para que o município assumira posição de destaque na microrregião a qual pertence.

A feira-livre de União dos Palmares também se constitui em um importante sistema de abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros, de confecções, de calçados e de outros produtos que são consumidos intensamente pela população do Município e de outros próximos.

Outro dado importante e que deve ser considerado algumas variáveis do perfil socioeconômico dos feirantes, no qual, como demonstra a pesquisa, apresenta baixo nível de escolaridade e dependência do rendimento financeiro da feira para sobreviver, o que reforça a importância dessa atividade tradicional no interior do Nordeste, particularmente em Alagoas, Estado que dispõe dos piores indicadores socioeconômicos, dentre os quais, altas taxas de desemprego e analfabetismo.

Dessa forma, a feira-livre de União dos Palmares, analisada no contexto socioeconômico do espaço onde está inserida, justifica-se plenamente de modo que sua sobrevivência, mesmo com as transformações geográficas no mundo contemporâneo simboliza sua forte ligação com as raízes históricas do lugar, ocupando posição de destaque no inconsciente coletivo da população como fenômeno cultural, perpassando as gerações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BELO, Carlos. **A feira-livre de União dos Palmares-Alagoas**: implicações socioeconômicas na produção do espaço geográfico. 2010. 47f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Censo 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 de Fev. de 2012.

BRASIL. **Secretaria Municipal de Cultura**. [sem título] 2011. Fotografia.

CARVALHO, Adeilza de; JUNIOR, Manoel Pedro de Oliveira; VARJÃO, Maria do Carmo Bomfim. Os mercados periódicos da região centro-sul de Sergipe: A Feira de Cristinápolis. In: **XXIII Encontro Regional dos Estudantes de Geografia do Nordeste**, Natal, 2006, Anais. Natal: EREGENE, 2006. Publicação em CD.

ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. 2.ed. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2006, p. 418.

GASPAR, Jorge. **As feiras de gado na beira litoral**. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1970.

LIMA, Nilo. Entorno e Desobediência. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. et al. **Ensaio de geografia contemporânea**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

LOPES, Lucivânia dos Santos; SANTOS, Salviano da Silva. **A Estruturação Do Espaço Geográfico De União Dos Palmares A Partir Da Atividade Algodoeira**: um recorte temporal entre as décadas de 1920 a 1970. 2010. 74 f. Monografia (Graduação em Geografia) Universidade Estadual de Alagoas, União dos Palmares.

NORMANDE, Taís Bentes. **Rede de Avaliação e Capacitação para implantação dos planos diretores participativos**, 2006. Disponível em: <web.observatôriodasmetropoles.net/planosdiretores/al/avaliacaopalmares.pdf>. Acesso: 30 março 2011.

SANTOS, Margarida Maria Silva dos. **Assistência social em Alagoas**: a gestão estadual em questão. Maceió: EDUFAL, 2003.

SANTOS, Andréa Rodrigues dos. A feira livre da Avenida Saul Elkind em Londrina-PR. **Geografia Revista do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina**, v. 14, n. 1, p. 145-160, jan/jun. 2005.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5.ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 4. ed. 5. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **O Espaço Dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** 5. ed. São Paulo: EDITORA HUCITEC, 1997.

SOUSA, Reinaldo. (RE) Construindo Conceitos: uma análise das principais categorias geográficas. **Interfaces Revista Interdisciplinar dos Departamentos de Letras e Geografia do Campus V.** Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL- União dos Palmares (AL): UNEAL, n. 1, p. 93-111, 2007.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa (Organizadores). **Geografia: conceitos e temas.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 77-115.